

## A linguagem é o recipiente do pensamento

Language is the container for thought

Isabel Ponce de Leão  
Universidade Fernando Pessoa

Nunca privei intimamente com Agustina Bessa-Luís. O meu conhecimento pessoal não passou de ocasionais encontros em eventos culturais. Posteriormente, fui sócia-fundadora (2012) e vice-presidente do *Círculo Literário Agustina Bessa-Luís*. Por tal, apenas me refiro à sua obra e ao muito que com ela aprendi tentando fugir de lugares comuns

Muito justamente, considerada a grande ficcionista do século XX português, não só pela sua fértil produção, como também pela criação de uma obra original, independente, não linear; nela privilegia olhares cruzados sem se nortear pela racionalidade, antes aceitando alguma incoerência em que mistério e metafísica agilizam o tempo proustiano. O ser humano, as suas circunstâncias e contingências são garantes da sua coesão e unidade, fazendo esquecer antigos conceitos narratológicos. Não se procurem cronografias simples e alinhadas ou lugares firmes e estáveis na obra agustiniana, mas uma sistemática rutura com a antiga mentalidade unitária, precipitando-se em processos labirínticos que, sendo uma virtuosa revolução, geram obstáculos à facilitação da leitura, sobretudo ao leitor comum. Interessantemente, os aspetos materiais condicionam, de forma sistemática, os espirituais, mormente no que a paixões, devaneios e ascetes dizem respeito, revelando a sua agudíssima consciência da realidade e do conflito instaurado. Antagonismos sociais e de género são constantes, transmitidos numa teia de paixões e de jogos claramente identificados com o quotidiano. O choque verdade / fantasia e estreiteza da vida / dimensão do sonho conferem à obra uma lucidez e um desencanto longe de utopias e ilusões, e alertam para o facto de que há uma vida verdadeira para além da que vivemos. Ardilosa e provocatória, no sentido de suscitar reações controversas para delas retirar os respetivos dividendos, Agustina nunca foi consensual. A arbitrariedade, o aforismo sentencioso e despido de sentido, a gritante contradição, perfeitamente insanável, da sua ficção foi um alvo fácil para a crítica, que nem sempre entendeu que tudo era vertido em passagens fulgurantes, onde respigam

as suas doutrinas, de entre as quais, não será despidendo evidenciar, uma atitude não feminista mas feminina, sustentada por uma postura de infinita e irónica malícia, que não deixa de ser matricial de um humanismo recorrente. A sua capacidade mítico-sibilina induz situações que antecipam oportunas realidades e dá-lhe, na literatura contemporânea, um lugar incómodo e inquietante, mas incontornável, pois ultrapassa, tal como Marguerite Duras, o estatuto de ficcionista, para tomar o de livre pensadora, desafiando valores perpetuados que controverte.

Uma postura desconcertante – “A grandeza dum espírito está na pluralidade e plenitude da sua sensibilidade. Todo o vasto espírito é sempre um tanto santo e outro tanto demoníaco” – não inviabilizou que tenha sido, e continue a ser, a melhor entre as melhores das letras portuguesas. Por isso, e não sendo a sua obra de fácil leitura – “Não vamos ignorar que ler os meus livros obriga a uma determinada preparação, cultura, ou conhecimento, e até uma amor pelas coisas que nos rodeiam, porque os meus livros revelam justamente isso, essa espécie de ilusão com o mundo português, com a província, o ser real português” – todos nós, que a admiramos, temos obrigação de a retirar da outrora chamada cultura de elites para a inserir na cultura universal, onde há muito tem lugar; é que Agustina fez do local global. Para tal, esqueçamos egos inflamados carentes de protagonismos e sejamos elementos facilitadores da leitura dessa obra com a humildade, a honestidade e o rigor que a própria reclama e propõe: “Nada há de tão humilde como a palavra, se é sincera”. Assim o tenho feito. E calo-me para que não se me aplique aquilo que escreveu em *Dicionário Imperfeito*: “Os comentários à obra de um grande artista não passam de vaidosas maneiras de o interromper.” Agustina foi e é uma grade artista. Não a interrompamos.